

À CASA DE
MARLENE

SUELY NASCIMENTO

Belém
2018

Suely da Silva Nascimento

A casa de Marlene

Memorial apresentado à Defesa, do Programa de Pós-Graduação em Artes, do Instituto de Ciências da Arte, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valzeli Figueira Sampaio

Linha de Pesquisa 1: Poéticas e processos de atuação em artes.

Belém

2018

Dados Internacionais de Catalogação- na-Publicação (CIP)
Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA

N224c Nascimento, Suely da Silva

A casa de Marlene / Suely da Silva Nascimento. - 2018.
75 f. : il. color ; 17 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Ciências das Artes, Programa de Pós-Graduação em
Artes, Belém, 2018.

Orientadora: Professora Dr^a Valzeli Figueira Sampaio

1. Fotografia 2. Processo Criativo. 3. Poética. I. Sampaio,
Valzeli Figueira, *orient.* II. Título.

CDD – 23 ed. 779



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado
DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO PARÁ.**

Aos vinte e nove (29) dias do mês de Junho do ano de dois mil e dezoito (2018), às dez (10) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se em Sessão Pública, no Instituto de Ciências da Arte (ICA), sob a presidência da orientadora professora doutora Valzeli Figueira Sampaio ao disposto nos artigos 58 a 61 do Regimento Interno, Seção V “da Aprovação ou Reprovação da Dissertação”, presenciar a defesa oral de Dissertação de Suely da Silva Nascimento, **Intitulada: A CASA DE MARLENE**, perante a Banca Examinadora, constituída de acordo com o prescrito no parágrafo único do Artigo 59 do Regimento acima mencionado, **pelos professores doutores Valzeli Figueira Sampaio (UFPA-Presidente), Orlando Franco Maneschy (UFPA- Membro interno), José Mariano Klautau de Araújo Filho (UNAMA- Membro externo)**, Dando início aos trabalhos, a professora doutora Valzeli Figueira Sampaio, passou à palavra à mestranda, que apresentou a Dissertação, com duração de trinta minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pela mestranda, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em aprovação, com o conceito EXCELENTE, com louvor e sugestão de publicação. A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pela mestranda, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, a professora doutora Valzeli Figueira Sampaio agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pela mestranda. (CASO O ALUNO NÃO ENTREGUE A VERSÃO FINAL NO PRAZO DE 30 DIAS, CONTADOS DA DATA DA DEFESA ESTA ATA PERDERÁ A VALIDADE). Belém-Pa, 29 de Junho de 2018.

Prof. Dr. VALZELI FIGUEIRA SAMPAIO

Prof. Dr. ORLANDO FRANCO MANESCHY

Prof. Dr. JOSÉ MARIANO KLAUTAU FILHO

SUELY DA SILVA NASCIMENTO

À minha mãe, Marlene.

E a Benedito (em memória), Gregória (em memória), Sebastião (em memória), Vilma, Carlos (em memória), Ana Lúcia, Heber Jorge, Thiago Allan, Rafael, Daniel, Ronald, Cristina, Welson, Gabriela Maria, Andréa, Paulo André, Mariana, Juliana, Patrícia, Cleidson Ronald, Carolina, Júlia, Roberto, Nagibe, Ana Carla, Adriana, Tiago, Miguel e Alessandra, que fazem parte desta história.

Escrevo o termo minha mãe por sugestão da mestra e poetisa paraense Celeste Proença. Ela explicou-me que quando se escreve minha mãe, o que se escreve torna-se literário, respeitoso e elegante. E, também, quando minhas quatro irmãs lerem, é para que cada uma se sinta escrevendo comigo e dizendo “minha mãe”, carinhosamente.

Agradecimento carinhoso à espiritualidade amorosa.

A Valzeli Sampaio, Orlando Maneschy e Mariano Klautau Filho.

A Carol Abreu, Edvaldo Rosário e Juraci Mosso.

A Celeste Proença (em memória), Paula Sampaio, Pedro Vasquez, Ronald Junqueiro e Rosely Nakagawa.

A Glaudéria Pinheiro e Lúcia Abreu.

A Ana Flávia Sapucahy, Áureo DeFreitas, Cesário Alencar, Ivone Xavier, Lia Braga, Miguel Santa Brígida, Ricardo Mello e Sônia Chada.

Aos funcionários e aos apoiadores do PPGArtes, Artur Carvalho, Dora Duarte, Elisângela Silva, Jacqueline Estumano, Larissa Lima, Lilian Silva, Lucas Camelo, Marcus Rocha, Mateus Seabra, Priscilla Santos e Wânia Contente.

Aos amigos e colegas do PPGArtes, Adriele Silva, Aline Folha, Amanda Barros, Andréa Farias, Andrei Miralha, Anna Cecília Oliveira, Araeliz, Artur Dória, Augusto Menezes, Bianca Levy, Breno Filo, Carol Magno, Caroline Castelo, Cibelle Donza, Dayse Puget, Diego Rocha, Ednésio Canto, Elissum Souza, Ercy Souza, Erica Elmescany, Flávio Fonseca, Frank Sagica, Jacinto Kahwage, Jorge Duarte, José Viana, Juanielson Silva, Juliana Nascimento, Juliana Sousa, Keyla Sobral, Laura Navarrete, Laura Paraense, Leonardo Venturieri, Livia Conduru, Luciana Pinheiro, Luiza Souza, Madalena Ramos, Márcio Lins, Marckson Moraes, Marcus Rocha, Marina Mota, Martin Perez, Mateus Moura, Melissa Barberly, Pablo Mufarrej, Paulo Nascimento, Rafael Cabral, Rafaelle Rabello, Raimundo Firmino Neto, Ramón Rivera, Renan Santos, Ricardo Ono, Rosângela Lavand, Suzana Luz, Tainá Façanha, Tânia Santos, Thais Nascimento e Thiago Azevedo.

Aos integrantes dos grupos de pesquisa Lab Techné e Antropoceno Narratologia e Amazônia (ANA), da UFPA.

Às vizinhas, aos vizinhos, às amigas e aos amigos de minha mãe.

A Alzira Cardoso, Ana Júlia Souza, Ana Souza, Angela Gomes, Angela Gonzalez, Ani Santos, Antônia Pessoa, Antônio Carlos Pimentel, Armando Alves Filho, Benedito Modesto, Bento Modesto, Carlos Paixão, Conceição Pinheiro, Dirce Serra, Edilene Evangelista, Edlene Marinho e família, Edmilson Farias, Elza Lima, Fabricio Bezerra, Fátima Silva, Fernando Brasil do Couto, Fernando Freitas, France Bartira, Francisca Espírito Santo, Geny Silva, Graciete Marques, Gunter Pressler, Helder Ribeiro, Helena Almeida, Hildebrando Gonsales, Hilma Souza, Humberto Ito, Irene Almeida, Isamar Cativo, Iva Rothe, Jefferson Araújo, Joaceli Tavares, João Borracha, João Evangelista, João Mercês, João Praça, Joelson Ponciano, Jorge Ferreira, Jorge Gonsales, José Maria da Paz, Josi Lima, Kyoko Oti, Lana Machado, Lastênia Menezes, Lêda Marinho, Liana Nascimento, Liduina Quinto, Lilita Ruiz, Luci de Jesus, Lúcia Quintella, Luciane Barata, Luzinete Silvino, Magali Mussi, Maiolina Neves, Makiko Akao, Manoel Carneiro, Mapyu, Mara Carlo, Maria Christina, Maria de Nazaré Ferreira, Maria do Espírito Santo, Maria Silva, Mariana Menezes, Mary Lima, Mauro Fonseca, Mayra Luz, Miguel Chikaoka, Nagib Abdon, Natali Ikikame, Nazaré Vieira, Neusa do Espírito Santo, Neusa Pressler (em memória), Nilcilene Silva, Nildo Trindade, Noêmia Barros, Olívia Lima, Paulo César, Paulo Moraes, Pedro Germano, Rafaela Pinheiro, Regina Alves, Regina Maneschy, Reginaldo Cruz, Renan Veloso, Ronald Dias, Ronaldo Andrade, Ronaldo Maiorana, Ronaldo Oliveira, Rosalva Quintella, Rosângela Maiorana, Rosanne Castelo Branco, Sandra Ramos, Sandra Rosa, Sidney Brasil, Silvana Leite, Silvana Silva, Sílvia Rocha, Simone Barreto, Vera Amorim, Viviane Vieira, Wildener Lisboa, Wilsa Cardoso e Yara Molen.

A Antônio (jardineiro), Ariana, Estela, Eydimar, Franci, Hojo, Ivaneide, Lena, Magnólia, Marcone, Maurício, Nina, Pelicano, Rodrigo, seu Pompeu, Socorro (dentista) Têmis e Zana.

À Fotoativa, Casa do Fotógrafo (Manoel Barata), Kamara Kó, Minicópia e Takita.

RESUMO

Este memorial apresenta a pesquisa “A casa de Marlene”, que desenvolvi no Mestrado Acadêmico em Artes, do Programa de Pós-Graduação em Artes, do Instituto de Ciências da Arte, da Universidade Federal do Pará. Um projeto de memórias familiares e afetivas, em que se fundem fotografias, vídeos, áudios, escritos, sentimentos e emoções. O percurso divide-se em momentos vivenciados antes e durante a academia. Relato a contribuição das disciplinas e a produção de artigos. Discorro sobre a construção desta poética percebida nesse trajeto e conto sobre o dia a dia da feitura da pesquisa. O meu jeito de fazer **a poética, o** caderno escolar de minha mãe como imagem geradora de todo esse processo, a experimentação da criação de um livro de artista e a fotografia da casa de minha mãe finalizam este memorial. Assim como os meus pensamentos de que ainda há um significativo material poético a ser trabalhado, futuramente.

PALAVRAS-CHAVE

poética; processo criativo; fotografia, memória, afeto.

ABSTRACT

This memorial presents the research “Marlene’s House”, which I developed in the Academic Master of Arts, Graduate Program in Arts, Institute of Art Sciences, Federal University of Pará. family and affective memories, in which photos, videos, audios, writings, feelings and emotions merge. The course is divided into moments experienced before and during the academy. I report the contribution of the disciplines and the production of articles. I talk about the construction of this poetics perceived in this path and tale about the day to day of the making of the research. My way of doing poetry, my mother’s schoolbook as the image that generates this whole process, the experimentation of creating an artist’s book and the photograph of my mother’s house complete this memorial. As well as my thoughts that there is still a significant poetic material to be worked on, in the future.

KEYWORDS

poetic; photography; creative process, memory, affection.

A trajetória poética

Na casa defrente.....	15
O início.....	17
A pesquisa.....	19
O dia a dia.....	32
O jeito de fazer.....	34
O caderno.....	43
A experimentação.....	50
A fotografia.....	57
Pensamentos.....	78
Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios.....	79
As referências.....	80

Na casa defronte

Na casa defronte de mim e dos meus sonhos,
Que felicidade há sempre!
Moram ali pessoas que desconheço, que já vi mas
não vi.
São felizes, porque não sou.
As crianças, que brincam às sacadas altas,
Vivem entre vasos de flores,
Sem dúvida, eternamente.
As vozes, que sobem do interior do doméstico,
Cantam sempre, sem dúvida.
Sim, devem cantar.
Quando há festa cá fora, há festa lá dentro.
Assim tem que ser onde tudo se ajusta
O homem à natureza, porque a cidade é natureza.
Que grande felicidade não ser eu!
Mas os outros não sentirão assim também?

Quais outros? Não há outros.
O que os outros sentem é uma casa com a janel
a fechada,
Ou, quando se abre,
É para as crianças brincarem na varanda de
grades,
Entre os vasos de flores que nunca vi quais
eram.
Os outros nunca sentem.
Quem sente somos nós,
Sim, todos nós,
Até eu, que neste momento, já não estou
sentindo nada.
Nada! Não sei...
Um nada que dói...

Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa

O início

Este memorial revela parte do processo de criação artística “A casa de Marlene”, que é a pesquisa que desenvolvi na linha “Poéticas e processos de atuação em artes”, do Mestrado Acadêmico em Artes, do Programa de Pós-Graduação em Artes, do Instituto de Ciências da Arte, da Universidade Federal do Pará.

De 2010 a 2014 registrei a casa de minha mãe em fotografias, vídeos, sons e escritos. Um percurso pleno de afetos. Senti vontade de guardar em minha memória o jeito como ela ajeitava o nosso lar. A poética, porém, começou a ser construída na minha relação com o mestrado, a partir de 2015.

Composto por momentos vivenciados no espaço da academia, o memorial apresenta “A pesquisa”, “O dia a dia”, “O jeito de fazer”, “O caderno”, “A experimentação” e “A fotografia” em que vou construindo um pouco desta história, que está em processo de construção.

São escritos tecidos ao longo desse percurso, instigado por ensinamentos emanados de educadores e de colegas companheiros das disciplinas “Poéticas da imagem e do lugar nos processos artísticos contemporâneos”, “Pesquisa e procedimentos metodológicos em artes”, “Poéticas e processos: *modus operandi* e *corpus teórico*”, “Atos de criação”, “Seminário de pesquisa em artes” e “Seminários avançados II”.

Como artista-pesquisadora, ao pensar em processo decidi permanecer com todos os textos construídos nesta linha do tempo, pois eles vão apresentando o meu amadurecimento nessa prática-reflexiva sobre a minha produção artística. As contribuições da banca de Qualificação enriqueceram este processo e, a maioria das suas sugestões está no capítulo “A fotografia”.

A pesquisa

Há algum tempo, tenho feito uma viagem ao meu interior, à minha memória afetiva. As lentes da câmera fotográfica se voltaram para a casa de minha mãe Marlene, onde vivi por 49 anos, desde o meu nascimento. Um bangalô em alvenaria construído na década de 1950, no bairro Umarizal, em Belém, capital paraense. Um lar simples. Seu valor consiste em afetos. À calçada, um oitizeiro frondoso de folhas verde-claras cobria boa parte desse lugar.



Fotografia 1: Suely Nascimento (1965-)

A casa de Marlene, 2011

Fotografia digital, 4288px x 2848px

Acervo pessoal, Belém (PA)

Iniciei em 2010, quando já utilizava máquina digital. Quase todos os dias, às primeiras horas da manhã, pegava a câmera e percorria a casa. Era um lugar que recebia uma boa quantidade de luz solar, através das suas 18 janelas e 17 portas. Eu buscava capturar pedacinhos desse lar até onde a claridade alcançava. A maioria das imagens era feita nesse período de tempo, desde o jardim até o quintal, passando por seus 31 arejados espaços.

Lembro-me bem da divisão da casa. A sala de jantar, uma peça com gobelinos, a biblioteca e três quartos grandes ficavam na parte mais afastada, a que dá frente para Rodríguez Peña. Só um corredor, com sua maciça porta de carvalho [...]. (CORTÁZAR, 1990, p. 11).

Imagens sem a presença dos moradores da casa, porém, com uma infinidade de vestígios humanos, revela o pedaço de louça no quintal, aos moldes do que fez Eugène Atget nas ruas de Paris, de 1890 até as primeiras décadas do século XX, quando fotografou o vazio das ruas dessa capital francesa, no início das manhãs, ocupadas apenas pelos indícios da atividade humana do dia anterior, como escreve o filósofo Benjamin (1994):

[...] curiosamente quase todas essas imagens são vazias. Vazia a Porte d’Arcueil nas fortificações, vazias as escadas faustosas, vazios os pátios, vazios os terraços dos cafês, vazia, como convém, a Place du Tertre. Esses lugares não são solitários [...]; nessas imagens, a cidade foi esvaziada, [...] não encontrou moradores. Nessas obras, a fotografia [...] prepara uma saudável alienação do homem com relação a seu mundo ambiente. Ela liberta para o olhar [...] o espaço em que toda intimidade cede lugar à iluminação dos pormenores. (BENJAMIN, 1994, p. 102).



Fotografia 2: Suely Nascimento (1965-)
A casa de Marlene, 2011
Fotografia digital, 4288px x 2848px
Acervo pessoal, Belém (PA)

A cada dia sentia-me com mais vontade de fotografar a casa construída pelo meu avô Benedito, pai de minha mãe, com recursos de seu ofício, o de alfaiate. Ele transformou o seu sonho em um sobrado de dois andares, que transpirava o aconchego de movimentada atmosfera familiar.

Por meses a fio eu não tinha ideia que construía um caminho. Acreditava que estava guardando aquele lar em minha memória, em pequenos quadrados fotográficos coloridos. Percebo, assim, que a construção

desta poética foi iniciada na vivência do mestrado, bem depois dos registros. E, no que se refere ao estudo da memória, Bergson (1999, p. 156) preocupa-se em distinguir claramente os termos “lembrança pura, a lembrança-imagem e a percepção, dos quais nenhum se produz, na realidade, isoladamente”. Para esse autor:

A percepção não é jamais um simples contato do espírito com o objeto presente; está inteiramente impregnada das lembranças-imagens que a completam, interpretando-a. A lembrança-imagem, por sua vez, participa da “lembrança pura” que ela começa a materializar e da percepção na qual tende a se encarnar: considerada desse último ponto de vista, ela poderia ser definida como uma percepção nascente. Enfim, a lembrança pura, certamente independente de direito, não se manifesta normalmente a não ser na imagem colorida e viva que a revela [...]. (BERGSON, 1999, p.156).



Fotografia 3: Suely Nascimento (1965-)
A casa de Marlene, 2011
Fotografia digital, 4288px x 2848px
Acervo pessoal, Belém (PA)

Cerca de um ano e meio após o início desse percurso esteve em Belém o fotógrafo e pesquisador Pedro Vasquez, vindo de Niterói, do Rio de Janeiro. Ele ministrou o curso “Desenvolvimento de projetos em fotografia”, nos dias 6, 7 e 8 de julho de 2012, no Centro Cultural Sesc Boulevard. E falou sobre a necessidade de se trabalhar com um tema que se conheça bem e, de preferência, tenha uma real conexão com sua vida, sua busca por raízes pessoais e a realização de um trabalho que não fosse apenas um bom exercício técnico

e sim, uma ‘viagem espiritual’. Algo de visceral que seria feito de qualquer forma por uma necessidade vital íntima, ainda que não encontrasse eco no mundo exterior (informação verbal). Identifiquei-me. Pensei nas imagens que estava capturando. Senti-me incentivada.

Jardim, pátio, sala, corredor, varanda, jardins de inverno, quartos, cozinha, sala de televisão e quintal. Fotografava tudo e cada detalhe. Os dias passavam e fotografava mais intensamente.



Fotografia 4: Suely Nascimento (1965-)
A casa de Marlene, 2011
Fotografia digital, 4288px x 2848px
Acervo pessoal, Belém (PA)

A partir do falecimento de meu pai, Sebastião, a saúde de minha mãe tornou-se delicada. Eu sentia enorme vontade de guardar em minha memória a maneira como ela ajeitava a casa. E a fotografia foi um dos meios que utilizei para documentar e registrar esse universo. Ela era alegre, ativa e agregadora. A casa expressava o seu jeito de ser e o jeito como se vivia naquele lar. Minha mãe veio a falecer em um curto espaço de tempo. Por um momento, a movimentação da máquina fotográfica ficou meio suspensa, pairando no ar. Vivenciava as emoções desse instante em meu universo particular.

Algum tempo depois, recomecei a fotografar a casa. Fotografava cada ambiente, detalhes dos cômodos, árvores do quintal, flores do jardim. Nessa ocasião, pela primeira vez, registrei em filme esse território afetivo. Utilizava, assim, mais um recurso da máquina que não era só fotográfico. Fazia um poético e delicado passeio pelo mundo das memórias afetivas familiares, e gravava. Sentia-me satisfeita com a descoberta de mais essa plataforma. Às vezes, quando chovia no quintal, colocava o equipamento sobre o parapeito de uma das janelas que davam para essa parte da casa e acionava o dispositivo de gravação. Deixava-o funcionando por todo o tempo em que a água caía sobre a terra em forma de gotas.

Comecei também a capturar o som dos ambientes da casa por meio de um pequeno gravador. Ligava-o e deixava-o gravar por horas. Somente o som. Construía, ainda, diários dessas “capturas” em páginas de cadernos, agendas e folhas avulsas. E passei a escrever lembranças... Pegava dois banquinhos em madeira e levava-os para o quintal. Sob a sombra das folhagens de uma frondosa goiabeira, eu sentava em um deles. Em cima do outro, colocava o computador com a bateria carregada. Em meio àquele ambiente repleto do canto dos passarinhos, escrevia histórias que estavam dentro de mim, no interior das minhas recordações e das vivências sentidas naquele mundo afetivo.

Vivenciava uma sinestesia, “muitas sensações simultâneas” (BASBAUM, 2012, p. 246) que, para explicar, o autor acrescenta: “pessoas que, expostas a um estímulo relacionado a uma determinada modalidade sensorial, experimentam sensação em uma modalidade diversa”, um “intercruzamento entre os sentidos” (BASBAUM, 2012, p. 246). Maneira que abracei para trabalhar em meu interior a passagem de minha mãe, desta vida terrena para o plano espiritual.

Esse grande banco de dados, do espaço físico e emocional que vivia, foi sendo construído aos poucos, quando eu estava lá e já havia tido os primeiros ensinamentos da arte fotográfica. Capturei instantes, virei testemunha dessa história. E posso pensar citando Ferreira (1991): “no tempo sendo ele próprio ator e personagem”. São momentos eternos na minha visão. Um percurso repleto de significados. Como afirma Bosi (2003, p. 69), “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu”, e:

Em primeiro lugar, a casa materna; tal como aparece nas biografias é o centro geométrico do mundo e a cidade cresce a partir dela em todas as direções. Dela partem as ruas, as calçadas onde se desenrolou nossa vida, o bairro. Sons que voltam, sons que não voltam mais, pregões, cantilenas [...]. (BOSI, 2003, p. 69).



Fotografia 5: Suely Nascimento (1965-)
A casa de Marlene, 2011
Fotografia digital, 4288px x 2848px
Acervo pessoal, Belém (PA)

Até agosto de 2014, fiz um levantamento minucioso e intenso de tudo o que havia nesse lar que abrigou momentos singulares de quatro gerações, desde os meus avós maternos, passando por seus filhos, netos e bisnetos. Uma reconstituição de pequenas alegrias familiares, uma arqueologia de emoções vividas nessa moradia. Segundo Salles (2008, p. 125), “o artista anota, pesquisa, experimenta. Nesse percurso, ele registra aquilo que lhe parece necessário sob forma de diários, planos, diagramas, etc”.

Um dos momentos bem delicados desse percurso foi à época da desconstrução da casa como o abrigo materno de tantos anos e de tantas histórias vivenciadas. Minhas quatro irmãs e eu iríamos dividir cada lembrança. A rotina do registro visual, sonoro e escrito intensificou-se. Procurava objetos, separava, limpava, organizava e fotografava. Louças, bibelôs, tecidos, livros... Arrumava-os sobre a mesa de madeira da varanda e fotografava. Organizava encontros com as minhas irmãs e fazíamos a partilha. Momentos únicos, alegres e falantes. Normalmente, eram à tarde. Depois, fazíamos uma pausa para o café da tarde, na cozinha, regado de cumplicidades.

Para ‘reencontrar’ minha mãe, [...] é preciso que [...] eu reencontre em algumas fotos os objetos que ela tinha sobre sua cômoda, uma caixa de pó-de-arroz de marfim (eu gostava do ruído da tampa), um frasco de cristal bisotado, ou ainda uma cadeira baixa que hoje tenho perto de minha cama, ou ainda os tecidos de ráfia que ela dispunha sobre o sofá [...]. (BARTHES, 1981, p. 97).



Fotografia 6: Suely Nascimento (1965-)
A casa de Marlene, 2012
Fotografia digital, 4288px x 2848px
Acervo pessoal, Belém (PA)

Chegou o momento da casa. Eram conversas pontuadas por emoções inimagináveis embaladas por tantas lembranças. A minha quarta irmã ficou com a casa que abrigou momentos inesquecíveis das nossas vidas. Arrumação e mudança. Limpeza dos ambientes. Tudo era fotografado, filmado e gravado. Um último registro. Foto do quintal tão acarinhado pela minha mãe, que regou por longos anos as plantas que brotaram daquela terra. Em seguida, percorri todos os metros da casa, em direção à rua. Tranquei a porta da frente. Passei pelo jardim florido. Fechei o portão. Saí. Levei comigo emoções e recordações na minha bagagem de viajante desse tempo. E, lendo Bachelard (1993), costuro este seu pensamento:

[...] a casa é, evidentemente, um ser privilegiado, sob a condição, bem entendido, de tomarmos, ao mesmo tempo, a sua unidade e a sua complexidade, tentando integrar todos os seus valores particulares num valor fundamental. A casa nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens. (BACHELARD, 1993, p. 199).

E quando percebi que criava essa pesquisa de memórias familiares e afetivas, pensei em preservar essa história de amor, esse jeito que a minha mãe ajeitava a casa em que morávamos; e refletir sobre tudo o que fiz nesses quatro anos de documentação de memória íntima. “A casa [...] organiza a experiência sensível de um modo único para cada um” (RANGEL, 2006, p. 4). E ainda: “Fazia retroceder o tempo até a lembrança”, como escreve Ferreira (1991). O momento na academia, de trazer esse processo artístico e desenvolvê-lo neste espaço, mais especificamente na linha de pesquisa nº 1, de “Poéticas e processos de atuação em artes”, proporcionou o meu “reexaminar com um olhar novo as imagens fielmente amadas, tão solidamente fixadas na minha memória que já não sei se estou a recordar ou a imaginar quando as reencontro...” (BACHELARD, 1996, p. 2). Salles (1998) também ajuda nessa reflexão:

O processo de criação mostra-se [...] como uma tendência para o outro. Está em sua própria essência a necessidade de seu produto ser compartilhado [...] A voz do poeta é sempre social [...] A criação é um ato comunicativo [...]. (SALLES, 1998, p. 41-42).

A convivência cotidiana, as conversas barulhentas na cozinha, as risadas, as tardes à porta da casa, o café com leite e pão no final da tarde, o som do teclado nas aulas de música, as canções, os aniversários, as festas de quinze anos, as refeições de grau, os chás de panela, os casamentos, os baby chás, os batizados, as novenas... É o que senti vontade de guardar em minha memória afetiva por meio de fotografias, vídeos, áudios e escritos. E tudo o mais que há em meu íntimo.

Gostávamos da casa porque, além de espaçosa e antiga (hoje que as casas antigas sucumbem a mais vantajosa liquidação de seus materiais), guardava as recordações de nossos bisavós, o avô paterno, nossos pais e toda a infância. (CORTÁZAR, 1990, p. 9).

O dia a dia

Sinto-me no interior da casa de minha mãe. Aqui dentro, a todo o momento. Nesse lugar, desenvolvo a poética. As fotografias, os vídeos, os áudios e os escritos estão no meu interior. E eu estou imersa nessas criações repletas de sentimentos. Como relata Stevens (1978), em “Não apresse o rio (ele corre sozinho)”, estou nessa gestalt há muito tempo. Há um movimento. Do estar em seu interior. E assim, vou tecendo essa história, com mudanças de estado surgindo a cada menção do próximo passo, sutilmente, como discorre Schmid (2010).

Nas horas do sol e da lua, esse universo está em mim. O que penso, o que sinto, o que percebo, o que vejo, o que escuto e o que leio, tocam a mim e provocam sensações ligadas à casa de minha mãe. Movimentos constantes. A sombrinha em tecido de cor creme salpicado por delicadas flores coloridas que comprei pensando no gosto dela, no período da academia, aciona as minhas lembranças e, conseqüentemente, a pesquisa. Uma grande folha de papel de presente, com flores coloridas um pouco maiores, que também adquiri durante esse processo para cobrir a pasta onde guardo as folhas escritas nas aulas das disciplinas do mestrado, se relaciona com a pesquisa. E assim vai sendo o meu dia a dia.

Segundo Bosi (2003), a “casa materna é uma presença constante”. Um espaço da memória que fica para sempre. E é evocada em inúmeras linguagens. Ela virou literatura, em “Passeio ao farol”, de Virginia Woolf. Transformou-se em peça de teatro, como “A casa de Bernarda Alba”, de Federico García Lorca. E na música, “Minha palhoça”, de J. Cascata. E em série televisiva por meio de “A casa das sete mulheres”,

de Maria Adelaide Amaral e Walther Negrão. E o meu olhar vai se dirigindo às casas de mães abordadas pelas artes... e da vida real.

Tudo o que está próximo a mim, um pouco perto de mim e mais longe de mim, que fala sobre casa de mãe, me toca profundamente e me concede passagens para a minha memória afetiva e... para a pesquisa. Para Vasquez (2011), referência em estudos de memória e de preservação na área da fotografia, em seu artigo “Quem sou eu?”, convida o leitor a um mergulho em seu “próprio pequeno mundinho particular”. E assim vou costurando o meu estado da arte, o meu estado em meio à pesquisa, o meu estado em meio a esse universo afetivo.

O jeito de fazer

Nasci e cresci na casa de minha mãe Marlene. Era uma convivência repleta de burburinhos e de alegria. Quando iniciei na arte da fotografia, nos anos 1990, registrava o nosso dia a dia. Toda a família era alvo do meu interesse e, conseqüentemente, das lentes da máquina. Foi somente em 2010 que comecei um ensaio fotográfico do nosso lar físico, sem a presença dos meus familiares, registrando do jardim ao quintal.

Por cerca de quatro anos, capturei instantes da casa construída pelo meu avô, filho da cidade paraense de Cametá que, nas mãos de minha mãe, transformou-se em um lar bem feminino, com muito róseo e flor. Além das fotografias digitais em cor, filmei a casa, gravei os sons do ambiente e escrevi memórias desse lugar. Construí um percurso. Criei um processo criativo. Materializei memórias subjetivas de meu ser. A intenção era guardar em minhas lembranças o jeito como minha mãe ajeitava a casa.

E é sobre esse processo criativo que me debrucei nesta caminhada acadêmica. Por meio das aulas passei a entrar em contato com o meu fazer, quase minucioso, desta poética. A cada autor estudado, um mundo de emoções se descortinava diante dos meus olhos.

Senti vontade de saber em que momento, realmente, esse meu processo criativo iniciou. Dediquei-me a descobrir. Passei por minha memória, e ainda não encontrei uma resposta clara e objetiva. A minha mente é um universo! Nela, os documentos do meu processo de criação são infinitos. Nem sei como a pesquisa surgiu. Nem sei se um dia haverá um fim. Esse ir e vir em um lugar de afetividade plena para mim é bem movimentado. Encontrei indícios, como ressalta Salles (1998) quando escreveu: “Na busca humana de

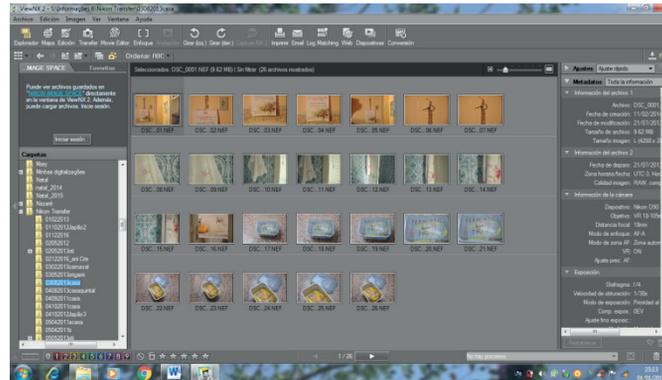
origem, o artista tenta detectar, muitas vezes, a ponta do fio que desata o emaranhado de ideias, formas e sensações que tornam uma obra possível”.

Salles (1998) ajuda-me, ainda, quando ressalta que: “São gestos, muitas vezes, envoltos em um clima ritualístico. A própria existência dos objetos de análise da crítica genética (rascunhos, diários, anotações, cartas) é um índice da presença dessas formas pessoais e únicas de organização.” E a expressão “clima ritualístico” levou-me a perceber um dos momentos iniciais de meu fazer criativo.

A chegada dos raios solares no horizonte, em meu processo artístico, é um momento significativo. Nesse instante, tento conectar-me com o universo e mentalizo uma oração. Em seguida, concentro-me em meditação. Sensação de limpeza na mente. Então, penso em um lugar afetivo, um jardim da inspiração e do conhecimento, onde imagino estar enquanto crio e desenvolvo a pesquisa. Um “lugar” apresentado pelo fotógrafo e pesquisador Pedro Vasquez (RJ), quando estive em Belém, em 2012, e ensinou sobre o “Jardim da inspiração e do conhecimento”.

[...] encontrou-se o “mundo” do artista: o seu modo de pensar, viver e sentir, a sua concepção do mundo e seu posicionamento frente à vida [...] as ideias, os pensamentos, os juízos que formula na sua mente, os sentimentos, os ideais, as aspirações que nutre no seu coração, as experiências, as escolhas, as crenças de que informa a sua vida, em suma, a sua personalidade concreta, toda a sua espiritualidade. (PAREYSON, 2001, p. 57-58).

Quatro anos de intensa produção



Fotografia 8: Suely Nascimento (1965-)
Desenhos em folha de caderno,
criado em sala de aula, 2016
Fotografia digital, 4288px x 2848px
Acervo pessoal, Belém (PA)

A câmera fotográfica digital Nikon D90, com a objetiva 18-105mm, estava sempre pronta e próxima a mim. Bateria carregada e cartão de memória vazio eram as condições mais importantes. E quando via uma fotografia diante dos meus olhos, pegava a máquina, ligava-a rapidamente, posicionava naquela direção, escolhia a lente que mais me agradava e retratava o instante em cor. Muitas vezes, em vários *frames*. No início da documentação fotográfica, ainda fazia uma ação a mais, transformando cada imagem colorida, em

preto e branco. Meses depois, no entanto, foi decidido dentro de mim que as fotos seriam em cor, mesmo. Minha mãe era colorida.

Quando o cartão de memória ficava pleno de imagens, procurava o computador. Conectava os dois equipamentos eletrônicos e transferia as fotografias para um arquivo com dia, mês e ano, além da palavra casa, na própria memória do computador. A maioria das imagens era capturada em RAW¹ e, assim, só poderia apreciá-las por meio do *software ViewNX 2*², até convertê-las em JPEG.

A partir de determinado momento, ampliei a documentação da casa de minha mãe. Experimentava, pela primeira vez, o registro em filme de uma imagem. E passei a fotografar e a filmar, quase que ao mesmo tempo. Há sequências breves e longas. E o processo de arquivamento intensificou-se.

Executava, ainda, mais uma atividade, a de capturar o som desse território de afetos em um pequeno gravador digital portátil de voz. Colocava-o sobre o parapeito de janelas, ligava-o e deixava-o por algumas horas. Ou no jardim, no quintal, quando chovia... E se repetia o processo de arquivamento.

Havia manhãs em que pegava dois banquinhos em madeira, na casa, e levava-os para o quintal. Sobre um deles, ajeitava o computador com sua bateria carregada. No outro, sentava-me. Por cerca de uma hora, ficava nesse ‘mundo’. Abria arquivo em *word*, que havia criado anteriormente, e escrevia o que expressavam os meus sentimentos, lembranças e memórias, em meio ao som das folhagens das plantas e do canto dos

¹ Cru, em tradução livre. É um arquivo de dados, [...] possui grande número de informações capturadas no momento do disparo da câmera. (<http://www.fotostill.com.br/dicionario-de-fotografia/arquivo-raw>)

² Software por meio do qual se pode ver imagens em RAW e transformá-las em JPEG.

passarinhos:

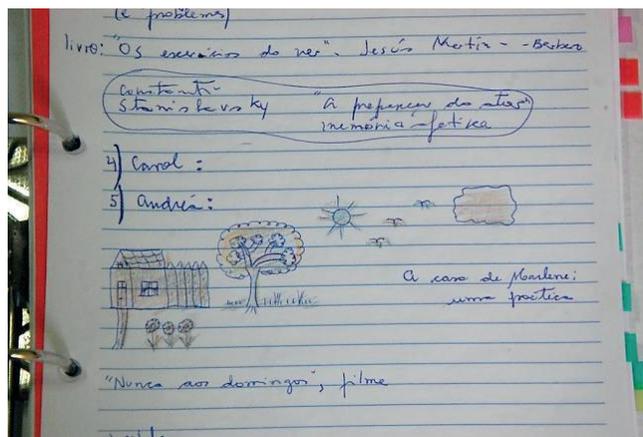
Era bem cedinho. Os raios de sol eram suaves. Mamãe gostava do quintal. Se deliciava com o frescor em meio à natureza. Adorava caminhar sobre a terra e entre as plantas e as árvores. O orvalho da noite estava sobre as folhas verdinhas. Tocava nas flores e dizia: “Que lindas!” Aprendeu a falar com as plantas. Dizia que elas gostam e ficam mais bonitas, pois se sentem queridas.

Percebo um *modus operandi* em mim e conheço *corpus* teóricos

As aulas fizeram-me pensar em vestígios desse percurso. Passei a procurar em minha memória o que deixei e o que deixo de pistas por esta caminhada. Visualizo mentalmente as anotações e os escritos que crio em agendas, cadernos, blocos e papéis avulsos. Além das páginas digitais, em arquivos no computador. Assim como as marcações coloridas em obras estudadas. Leio e aprendo com os autores sobre os documentos do meu processo criativo. É um “conhecer e compreender a criação em processo”, resalta Salles (2008). Ela ainda acrescenta:

[...] se pergunta se o artista faz ou não esboços e anotações, quais as cores de canetas usadas e quais são seus horários de trabalho. Estamos [...] no campo da rotina de trabalho: como e quando a obra é construída. É importante ressaltar que a ideia de método, tal como está sendo colocada, nesse primeiro momento, não está ligada ao conceito de ordem, em oposição à “bagunça”, nem à ideia de rotina rígida e fixa. É comum ver uma postura dos artistas, quase que radical, quando indagados sobre seu “método”. Enfatizam que não são organizados. Não se pode negar, no entanto, que a produção da obra vai se dando por meio de uma sequência de gestos e, ao se acompanhar um processo, vão se percebendo certas regularidades no modo de o artista trabalhar. São leis de seu modo de ação, com marcas de

caráter prático. [...] Sob esse prisma, todo artista tem um método [...] (SALLES, 1998, p. 59-60).



Fotografia 8: Suely Nascimento (1965-)

Desenhos em folha de caderno,
criado em sala de aula, 2016

Fotografia digital, 4288px x 2848px

Acervo pessoal, Belém (PA)

No rastro deste percurso artístico, percebo indícios de pensamentos ligados à pesquisa. Em cada uma das aulas, faço rabiscos de palavras e de frases que brotam de minha essência, no instante em que o professor ou a apresentação de um colega de classe toca as minhas emoções e cria uma ponte para “A casa de Marlene”.

Em uma das tardes de aula, senti a vontade de desenhar, e criei uma paisagem de casa com quintal, sol e passarinho. Em outro instante, escrevi:

Escuto fado. Começo a sentir aquela sensação que invade os pensamentos, os olhos, os ouvidos... O coração pulsa mais rápido... Sinto muita vontade de criar, de fazer, de escrever, de fotografar... Sinto-me em processo...



Fotografia 9: Suely Nascimento (1965-)

Pintura criada pela minha mãe,
e contada em áudio, 2016

Fotografia digital, 4288px x 2848px

Acervo pessoal, Belém (PA)



Fotografia 10: Suely Nascimento (1965-)

Lavanda de alfazema, 2016

Fotografia digital, 4288px x 2848px

Acervo pessoal, Belém (PA)

Um dos documentos do processo criativo mais recente é uma experiência digital. Escolho uma das imagens da casa de minha mãe e conto algo sobre ela. Gravo um áudio e, em seguida, monto as duas mídias. O resultado são alguns segundos de memória visual e audível: “A pintura deve ter uns 70 anos, desde que a casa foi construída. Foi a minha mãe que pintou. Era um medalhão que ficava na varanda da casa. Cheio de flores. Eram margaridas.”

Minha mãe gostava de se usar lavanda de alfazema. Após o banho, colocava um pouquinho na ponta dos dedos e passava próximo às orelhas, nos pulsos, nos braços e mais umas gotas em sua roupa. Uma dose

suave, antes de sair de casa. Em um primeiro período da pesquisa no Mestrado, encontrei em uma das prateleiras do supermercado a embalagem desse perfume. Levei para casa. Tenho passado em mim, antes de ir às aulas.

Imersa no exercício poético, sinto a expansão de uma grande teia que venho costurando há algum tempo e que segue sendo tecida, infinitamente. Salles (2006, p. 22) inclusive, escreve que “a obra vai se desenvolvendo por meio de uma série de associações”.

O caderno

[...] livro de artista [...] é, essencialmente, um espaço poético [...]

(DERDYK, 2013, p. 22)

Na adolescência, minha mãe Marlene estudava no Colégio Estadual Paes de Carvalho, em frente à praça Saldanha Marinho, no bairro Comércio, em Belém. Eram os anos de 1950 e ela criou o seu próprio caderno escolar, de maneira artesanal, quando estudava a primeira série do curso científico, uma formação marcada por um estudo maior de ciências.



Fotografia 11: Suely Nascimento (1965-)
Caderno escolar de minha mãe, 2016
Fotografia digital, 4288px x 2848px
Acervo pessoal, Belém (PA)

O livro de apontamentos e de exercícios escolares que minha mãe usou de agosto de 1955 a agosto de 1956, mede 22 centímetros de largura por 18 centímetros de altura, com uma lombada de dois centímetros de espessura.

Ele é composto por 12 blocos de dez folhas de papel almaço, cada. Onze blocos são impressos com linhas e, somente um, com páginas em branco. Para formar esse volume de 120 folhas, com 240 páginas, a minha mãe dividia ao meio as folhas e cortava-as com uma das facas da cozinha, fazendo com que a linha de corte ficasse meio granulada.

Para coser as folhas avulsas de cada bloco, ela utilizava agulha de costura e linha branca. Assim, individualmente, eram costurados na lombada. Em seguida, os blocos eram sobrepostos, e costurados em sua borda esquerda, integrando um só volume. Uma publicação artesanal feita em sua casa.

A capa de postais

Ao estudar este caderno, peguei a sua capa e vi cartões postais com imagens iguais. Abri um pouco a cartolina rosa que foi colada atrás deles e, bem no meio de cada um dos cartões, havia um redondo de cola, onde foi grudada a cartolina inteira. Puxei um pouco e li melhor o que estava escrito.

Um texto curto, nas línguas inglesa, espanhola e portuguesa. E não deu para ler uma parte. Então, pensei que poderia encontrar mais detalhes na *internet*. Peguei o número identificador do cartão-postal, coloquei

no motor de busca do *Google* na web e vieram algumas páginas. Uma, em especial, da Noruega, chamou-me a atenção: <http://cards.mrnarnestad.com/view/CARDSMOTIVfly.asp?page=9>.

Intitulado “Coleção de Oarnestad”, o *website* fazia referência a cartões-postais estrangeiros. Abri e encontrei inúmeros de empresas aéreas. Corri a barra ao lado direito e encontrei a imagem que a minha mãe utilizou para a capa de seu caderno escolar. Senti muita emoção!



Fotografia 12: Suely Nascimento (1965-)
Imagem da capa do caderno, 2016
Acervo pessoal, Belém (PA)

Categoria: avião	Companhia aérea e editor: Pan American World Airways (Pan Am)
Nº: a/i LAD-AP431-450M-47	Referência do site: [11371]
Tamanho:	9 cm x 14 cm
Título:	Jovem posa para fotógrafo em alegre traje de festa, em ruínas de antiga catedral do Panamá ³

³ Livre tradução da frase “*Beauty poses for movie shot in gay fiesta costume on an ancient Spanish cathedral wall in Old Panama*”.

Minha mãe utilizou quatro antigos cartões-postais desta mesma imagem - uma jovem sendo fotografada por um casal, editando no tamanho 9 cm x 11 cm, com dois em cima e dois embaixo. As extremidades de cada imagem receberam furos da agulha da antiga máquina de costura Singer doméstica, na cor preta. Depois, a borda de cada cartão-postal foi tecida à mão, com agulha de costura e linha de bordado. A união deles foi feita em forma de cruz, com mais pontos de costura. O mesmo foi feito na contracapa e na lombada, unindo, assim, essas três partes, artesanalmente.



Fotografia 13: Suely Nascimento (1965-)
Letra desenhada de minha mãe, 2016
Fotografia digital, 4288px x 2848px
Acervo pessoal, Belém (PA)

A união com o miolo do caderno escolar era feito por meio da colagem de cartolina rósea com as primeiras e as últimas folhas de papel almaço. E para o ano letivo, ela o dividiu em cinco disciplinas: Matemática, Física, Geografia, Desenho e História. O bloco de papel sem pauta, que era o antepenúltimo, foi destinado às aulas de desenho geométrico.

Ao ver a caligrafia de minha mãe traçada pela ponta de um lápis preto ou de uma caneta da cor azul, a sensação é de que ela está aqui. É tão familiar a letra, os números, seu jeito de escrever, a curva das suas letras desenhadas... É incrível! E ao abrir esse livro de apontamentos e de exercícios escolares, à época em que ela era uma jovem estudante, entro em um universo de minha mãe, das minhas irmãs, da casa onde todas nós moramos juntas, daquela convivência...

Essa gota de luz...

Este caderno artesanal é a imagem geradora do meu “processo de elaboração artística por meio das articulações próprias à pesquisa acadêmica” (MELLO, no prelo, p. 3). E, para Salles (1998), “o artista é profundamente afetado por essa imagem que tem poder criativo; é uma imagem geradora. Essas imagens, que guardam o frescor de sensações, podem agir como elementos que propiciam futuras obras”. E prossegue:

[...] o encontro dessas [...] “ideias felizes” cria um ardor inspirado [...]. Na busca humana de origem, o artista tenta detectar, muitas vezes, a ponta do fio que desata o emaranhado de ideias, formas e sensações que tornam uma obra possível. Essas imagens que agem sobre a sensibilidade do artista são provocadas por algum elemento primordial. Uma inscrição no muro, imagens de infância, um grito, conceitos científicos, sonhos, um ritmo, experiências

da vida cotidiana: qualquer coisa pode agir como essa gota de luz. O fato que provoca o artista é da maior multiplicidade de naturezas que se possa imaginar. O artista é um receptáculo de emoções. (SALLES, 1998, p. 54-55).

Salles (1998, p. 58) também ressalta, que “o artista conhece a fugacidade desses momentos e encontra seu modo de resguardar esses instantes frágeis, porém férteis. Surgem, assim, os diários, cadernos de anotações...”. E acrescenta: “esses documentos agem como ‘reservas poéticas’ [...] que podem oferecer a possibilidade de resgate desses efeitos a qualquer momento” (Salles, 1998, p. 58).

Segundo Mello (No prelo, p. 9), “aí reside outro aspecto que delinea a pesquisa em poéticas e que podemos chamar de ‘fio condutor’”. E, para Gonçalves (2009), em seu artigo “Um argumento frágil”, no espaço da academia, o artista-pesquisador enfrenta o desafio de pensar em sua criação e identificar um caminho que possa melhor acomodá-la. É esse percurso que está sendo estudado no âmbito da academia.

Nesta pesquisa, o processo criativo tem sido o meu projeto. Durante os estudos do mestrado, trabalho o banco de dados construído por fotografias e escritos, e venho criando uma visualidade, um livro de artista, aos moldes da ‘ideia feliz’. Buscando possibilidades de como organizar esse material. Fiz um levantamento sobre livro de artista, pesquisando como poderia ser essa plataforma impressa, para abrigar imagens e texto. Por meses, pesquisei esses espaços poéticos e conheci alguns deles, como os dos autores Frida Kahlo, Henri Matisse, Marcel Duchamp, Miguel Rio Branco e Paula Sampaio. Tomei conhecimento de livros de artista como o “Jazz”, de Matisse, publicado em 1947; e “O ato criativo”, de Duchamp, publicado em 1957. Formas de como construir exemplares experimentais. E o caderno escolar de minha mãe, primeiro, foi visto

por mim como um modelo para abrigar essa experimentação. No entanto, no amadurecimento da pesquisa e na orientação da Qualificação, ele passou a ser uma apropriação. E experienciei essa criação.

da casa de uma das minhas irmãs, pois todas elas têm jardins em suas casas, como ensinado pela nossa mãe. Peguei o tecido, cortei com uma tesoura de costura algumas “páginas” e, em seguida, bordei flores coloridas, talos e folhas.

Lembro, também, que fiz cadernos pequenos, médios e grandes, de modo artesanal, durante algum tempo. Nesta fase, com papéis coloridos, capa e espirais. A fotografia era o ponto mais importante. Havia as familiares, de flores e de lugares de Belém. Os tamanhos, acertava na guilhotina. Em seguida, levava a uma reprografia para fazer os furos e colocar as espirais.

Ao ingressar na academia, a vontade de continuar a fazer “livros” continuou. Desta vez, passei a pesquisar sobre o que é livro de artista, quem fez, quem faz, como faz, para que faz... Tantos questionamentos surgiram a partir de leituras e de pesquisas pela *internet*, onde pude apreciar inúmeros livros de artista. Houve, ainda, visitas a livrarias e a bibliotecas. Um passeio ao mundo desses “espaços poéticos”:

“Jazz” (1947), de Matisse, em que o artista é simultaneamente autor de texto e imagem. Jazz pode ser considerado o ponto de chegada desta tendência e o elemento germinal da atual concepção de livro de artista: utilizando a técnica do *pochoir* (estêncil colorido com pincel), Matisse dispõe livremente texto e imagem, os quais raras vezes se relacionam entre si. (FABRIS, 1985, p. 36)

Mais recentemente, no interior desta caminhada pelo território da academia, participei de uma oficina de criação de livro de artista, ofertada pelo Centro Cultural Sesc Boulevard. Em três dias de experiência, pensei em como poderia ser o livro de artista a ser apresentado no encerramento destes estudos poéticos. Mais uma vez, pensei em fotografia e papel:

A fotografia se dá bem com a página impressa [...]. E o livro de artista [...] é um múltiplo democrático que oferece à fotografia [...] espaço para exercícios verbo-visuais narrativos ou não narrativos, conceituais ou nem tanto, além da óbvia função documental. (SILVEIRA, 2004, p. 155)

E, no espaço da sala de aula, vieram experimentações que deram um *corpus* à ideia de livro de artista que tenho materializado. Pensei que o livro de artista “A casa de Marlene” devia lembrar o caderno escolar de 1956, com fotografias, escritos, papel que combinasse com esta poética, costurado com agulha e linha, delicado... Bem, que apresente esse lugar de minha mãe, com simplicidade e amor.

Os primeiros livros



Fotografia 15: Suely Nascimento (1965-)

A casa de Marlene, 2018

Fotografia digital, 2826px x 2112px

Acervo pessoal, Belém (PA)

Foram criados em sala de aula. Primeiro, um com um jeito bem tímido, de 12 páginas. Um escrito sobre o jardim e oito pequenas fotos editadas. Um embrião do que viria a ser a experimentação da qualificação. Na mesma disciplina, mais uma criação. Agora, um pouco maior em escala, com o mesmo texto. Experimentei, desta vez, um tipo de papel reciclado. Integrou uma publicação da avaliação final da turma.

O livro da Qualificação



Fotografia 16: Suely Nascimento (1965-)

A casa de Marlene, 2016

Fotografia digital, 2826px x 2112px

Acervo pessoal, Belém (PA)

Para este ato criativo em processo apresentei 68 páginas, com 16 imagens e escritos. No meio do processo, durante uma das aulas na academia, um dos colegas falou sobre a importância de papéis e de cores para falar sobre o tempo. Refleti sobre essa sugestão. Então, fui atrás de papel artesanal e em cor. Nesta experimentação, optei pelas tonalidades creme, amarela, rosa e verde, que conversam com fotografias da

casa de minha mãe. E passei a fazer montagens das imagens em cadernos tonais, levando em consideração as cores dominantes nas fotografias. É uma relação ainda em processo com a imagem, o papel e a cor.

Em um primeiro caderno, as imagens que dialogavam eram as da casa e suas tonalidades de amarelo, alaranjado... No segundo caderno, fotografias que mostram o gosto de minha mãe pela tonalidade rosa. E, no terceiro caderno, as fotos escolhidas eram as que contavam sobre o verde que existia nos ambientes, como jardim, jardins de inverno e quintal, além do interior da própria casa.

O livro da defesa

Ao longo deste percurso, de antes da academia e a partir da entrada na academia, venho compartilhando as fotografias e esse universo da casa de minha mãe com parceiros desta caminhada. Assim, a edição que apresento neste livro de artista, tem toques da fotógrafa Paula Sampaio, do pesquisador Pedro Vasquez, do jornalista Ronald Junqueiro e da curadora Rosely Nakagawa. E dos professores Valzeli Sampaio, Orlando Maneschy e Mariano Klautau Filho por meio de seus ensinamentos que vão muito além da sala de aula.

Neste livro, o processo de edição foi longo. Das 5.151 fotografias, foram escolhidas 707, em um primeiro momento. Em seguida, mais uma escolha e o número chegou a 203. E assim fui seguindo nesse trajeto de escolha das fotos, que não é fácil. Apresento então, 60 fotografias que por meio do andar nesse território de afetos, percebo o jeito como a minha mãe ajeitava a casa. E algumas páginas de seu caderno escolar estão entremeadas nesse passeio que inicia no jardim e segue até o quintal.

Fui criando este livro de artista a partir desses documentos que mostram como era a casa de minha mãe. E como ela ficou em minha memória. Este está sendo o meu percurso, a minha descoberta. A reflexão de uma trajetória criativa como um processo poético. Outros livros de artista podem vir a integrar novos percursos.

A fotografia

“É importante pensar que essa experiência com a fotografia [...] me levou a esse lugar, de [...] fazer essas conexões do meu passado...” (CHIKAOKA, 2015)

A minha mente é um universo! Nela, os documentos do meu processo de criação são infinitos. Nem sei como a pesquisa surgiu. Nem sei se um dia haverá um fim. Esse ir e vir em um lugar de afetividade plena para mim é bem movimentado. Por meio das fotografias e das leituras da academia, penso no que fiz e no que faço.

São dezenas de denominações para dizer sobre o que ocorre no ser de quem cria uma obra, ou de quem vai criando... Não há interrupção na mente. Ela funciona a todo o segundo, criando... Não há como tudo o que está na minha mente sobre “A casa de Marlene” sair, se materializar. Acredito, até que, mesmo que a quantidade de documentos do processo seja enorme, há muito mais em minha mente. É impossível eu falar, contar, dizer, confessar, escrever... tudo o que a minha mente criou e cria para a existência desta poética. Em sua obra “Gesto inacabado: processo de criação artística”, a autora Cecília Salles, chega a escrever sobre o “engenhoso labirinto da mente humana” e a “complexa lógica que envolve o ato criador”.

Não há linha reta nesse percurso. É repleto de ramificações e mais ramificações. Como a aceroleira do quintal da casa de minha mãe. Da terra, saía um tronco. Mas o próprio tronco transformava-se em dois, até determinada altura. Depois, grossos galhos... Em seguida, finos galhos... E mais finos... E mais finos... E as folhas... E a acerola vermelha. Um caminho de muitas gestalts, da “ênfase da experiência vivida,

do contato”, como ressalta Fritz Pers, a partir de sua gestalt-terapia. Abertura-fechamento, fechamento-abertura... Continuidade-interrupção, interrupção-continuidade... A todo instante. Fiz inúmeras tentativas para ver como funcionavam as fotografias e percebia que havia algo novo. “Esta é uma maneira bastante gestáltica de agir”, ressalta Barry Stevens, em sua obra “Não apresse o rio (ele corre sozinho)”.



Fotografia 17: Suely Nascimento (1965-)
A casa de Marlene, 2012
Fotografia digital, 4288px x 2848px
Acervo pessoal, Belém (PA)

O que está materializado do processo “A casa de Marlene” e o que posso vir a ser materializado, é um tímido percentual desse universo. A maior parte está em meu íntimo, em meu interior, em minha mente, em minha memória, em minhas lembranças e recordações. Um universo subjetivo, invisível aos olhos e às mãos.

Onde está o início desse percurso? Não sei. Pode estar na minha infância vivenciada nessa casa física e imaterial. Ou na adolescência. Ou na juventude. Ou quando me formei em professora primária. Ou quando me transformei em uma advogada. Ou quando passei a ser jornalista. Ou quando iniciei na arte da fotografia. Ou quando fiz a documentação fotográfica do ofício do meu pai. Acredito que sempre haverá muitas possibilidades. E que nunca saberei quando iniciei essa poética.

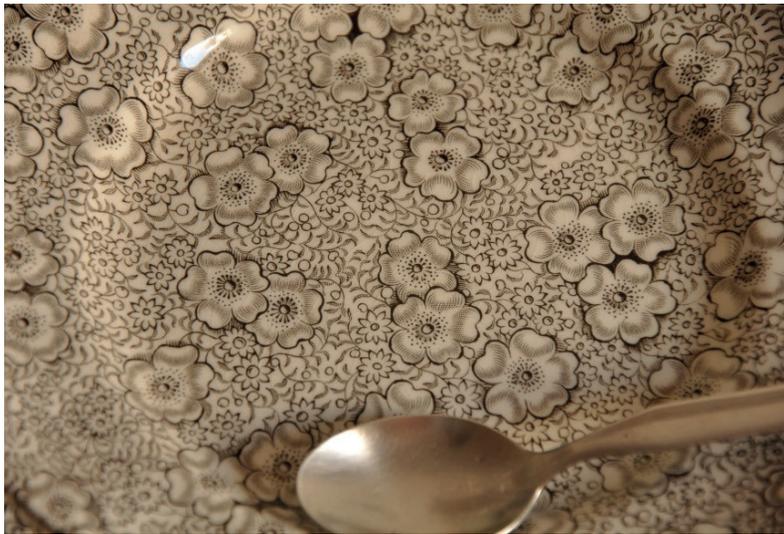
Planejamento, não houve nenhum. Era emoção à flor da pele. Vontade de reter aquele tempo, aquele momento, aquele instante, aquela fração de segundo. Na minha mente e nas minhas emoções, tudo o que vivenciei na casa de minha mãe, tudo vai estar. No entanto, acredito que pensava na materialização do invisível. E a fotografia é uma boa companheira de vida. Ela faz “milagres”!

Se eu compreendo o que fiz? Não, na totalidade. É provável que um percentual. Fui fazendo... Quase todos os dias... O impulso em pegar a câmera e fotografar era enorme. E foi crescendo a cada dia.

O sistema de feitura da obra é complexo. É pessoal! Um movimento contínuo, em que num primeiro momento foi meio inconsciente. Sem a intenção de construir algo. Só ir fazendo, pouquinho a pouquinho.

No início da pesquisa na academia, procurava fotos da casa em vários grupo de arquivos. Tantas fotografias que ia mostrar para minha mãe e não mostrei... Um sentimento no coração... E quando vejo algumas imagens

que fiz, acho que treinei nas viagens esse projeto da casa... Percebo que fotografava todo o ambiente onde eu ficava... colher no prato... vaso de flores... portas... janelas... olho agora essas fotos e me remeto à casa... interessante... uma pesquisa vai surgindo... bem delicadamente, há sinais que não são lidos e eles continuam a surgir... em um momento ali... em outro momento... e um dia, ele se apresenta com força... e com muitos elementos da casa, como as flores que me lembram a minha mãe.



Fotografia 18: Suely Nascimento (1965-)
Berlin, Alemanha, 2010
Fotografia digital, 4288px x 2848px
Acervo pessoal, Belém (PA)

No primeiro semestre de 2017, segundo semestre do mestrado, dei passos para trás e observei como fotografei a casa de minha mãe.

Os passos fotográficos

Pensei que houvesse iniciado a documentação fotográfica da casa de minha mãe, em 2011. No entanto, organizando os arquivos de fotografia, percebi que fiz fotos em um tempo anterior. Voltei ao tempo pelos rastros que tenho deixado nessa caminhada. E fui em busca do que já havia feito, envolvendo a casa de minha mãe. Foram meses a fio. Um movimento rico em emoção. Sinto que todo o meu ser envolveu-se com esse fazer. A fotógrafa Paula Sampaio chegou a falar algumas vezes que esse trabalho “é uma arqueologia de afetos”.

Era meados de 2010 quando adquiri a câmera fotográfica Nikon D90, com a objetiva 18-105mm. Havia uma certa moda em comprar por *site* americano. Experimentei. Deixei de lado um pouco a Nikon FM2 e sua lente 50mm, por quem nutria um profundo afeto. Ela acompanhou-me por toda a criação de minha primeira documentação fotográfica, intitulada “Sonoro Diamante Negro”, que apresenta o trabalho de meu pai, Sebastião, proprietário da aparelhagem de som.



Fotografia 19: Suely Nascimento (1965-)
Sonoro Diamante Negro, 1996-2004
Fotografia em película
Acervo pessoal, Belém (PA)

A nova câmera chegou no dia 2 de agosto de 2010, uma segunda-feira. E, às 11h46 do dia seguinte, estava posicionada no pátio da casa de minha mãe, e fiz a minha primeira fotografia digital e a primeira desta poética. Experimentava, simplesmente, o equipamento meio estranho às minhas mãos e aos meus olhos tão habituados a uma câmera em ferro e com película. Então, como Jean Lancri escreveu, inicio esta poética “do meio de uma prática, de uma vida”.

No frame, o caminho de entrada da casa, a caixa de Correios e as plantas do jardim, muitas plantas... Lembro que o meu pai falava assim: “Minha mulher, tá bom de desbastar aquela mata...” E a minha mãe, que gostava muito do verde que brotava de todas as partes da casa, deixava as folhagens se desenvolverem, se desenvolverem...



Fotografia 20: Suely Nascimento (1965-)
A casa de Marlene, 2010
Fotografia digital, 4288px x 2848px
Acervo pessoal, Belém (PA)

Naquele instante capturado do meu dia-a-dia não fazia a ideia de que, meses depois, iria iniciar uma documentação fotográfica do lugar mais íntimo da vida de minha mãe. E estava apenas experienciando as funções desse aparato, as lentes, o obturador, o diafragma...

Nessa manhã, até às 11h48, havia capturado quatro imagens do jardim. Fiz um exercício de aproximação do portão de entrada; e uma última das folhagens e das flores do “brinco-de-princesa” enroscadas nos entrançados de um caramanchão.

Familiarizada em manusear filme fotográfico até àquele momento, decidi continuar a criar um arquivo digital que tivesse um caráter de película. Fotografei e, em seguida, continuei a capturar imagens no Formato de Arquivo de Imagens Estáticas NEF (RAW). Tempos depois, diante da tela do *notebook*, criava outros arquivos, tudo em JPEG para poder trabalhar com as imagens digitais.

À tarde, continuei essa experimentação. Às 15h06, dois *frames* do janelão da varanda, com sua colorida bandeira. E assim, com a ausência da consciência, iniciava o percurso fotográfico de “A casa de Marlene”, no que é possível perceber materialmente.

No mês seguinte, fiz apenas uma fotografia. Enquadrei o vaso que sempre a minha mãe colocava sobre o consolo, à entrada da casa, em frente a um grande espelho de família, que aparece nas fotografias de nossas festas de 15 anos, minha e das minhas irmãs Ana Lúcia, Cristina, Andréa e Patrícia. No interior do vaso, as flores em tecido, meio alaranjadas, meio róseas, com as folhagens em vários tons de verde. Pena que a

imagem foi capturada em baixa velocidade, às 19h20. Aprendia, ainda, o manuseio dos “botões” do novo equipamento.

Outubro chegou trazendo a novena de Nossa Senhora de Nazaré. Minha mãe era uma líder religiosa no bairro onde morava. E, uma de suas ações, era organizar e dirigir a novena que levava de casa em casa dos devotos da Virgem, por anos a fio. No dia 3, à noite, minha mãe estava fazendo a sua última novena do Círio em nossa casa, com toda a família e um significativo número de vizinhos. Nem passava pela cabeça de suas filhas tal fato... Timidamente, fiz cinco fotografias durante esse encontro fraterno que ocorreu na sala, na varanda e no corredor. Direcionei as lentes da câmera para dois vasos ajeitados pela minha mãe e fiz cinco fotos. À época do Círio, ela enfeitava os vasos espalhados pela casa com flores em tecido na tonalidade amarela fazendo referência à cor muito utilizada pela Igreja Católica. Um dia especial! Também fiz fotos da novena. Meu pai estava ao lado de minha mãe.



Fotografia 21: Suely Nascimento (1965-)
A casa de Marlene, 2010
Fotografia digital, 4288px x 2848px
Acervo pessoal, Belém (PA)

As mudanças em nossas vidas – minha e das minhas irmãs, iniciava em novembro. Nessa época, estava em meio aos preparativos do lançamento do livro de fotografias “Sonoro Diamante Negro”, pelo programa Conexão Artes Visuais 2010, realizado pela Funarte/Minc/Petrobras. Na noite do dia 18, o livro ia ser apresentado na sede social do São Domingos Esporte Clube Recreativo e Beneficente, no bairro Jurunas, em meio a um Baile da Saudade. Tudo aconteceu. Mas meu pai não esteve presente. Ele veio a falecer de

câncer três dias antes, no feriado nacional da Proclamação da República do Brasil, quando o caminhão da transportadora que trazia os livros de São Paulo estacionava em frente à nossa casa. “Perdi o meu companheiro”, disse a minha mãe, que consentiu a realização do evento, pois acreditava que era uma boa homenagem ao meu pai.

Ela tinha uma alegria interior que exalava para todos com quem convivia. Seu olhar foi se entristecendo. E sua saúde foi ficando meio fragilizada.

Passadas duas semanas, fiz três *frames* do Sagrado Coração de Jesus que, desde a época da construção da casa pelos meus avós, nos anos 1950, figurava em local de destaque na sala, com uma pequena lâmpada vermelha, sempre acesa. Eram 19h20, e minhas irmãs, um dos seus genros e as netas, enfeitavam a árvore de Natal, que ocupou o retângulo do quarto *frame*. E percebia que sempre fotografava em formato paisagem.

E o final do ano de 2010 encerrou com 16 fotografias do início de uma poética que percebi pelas provas-contato, já estava dentro de mim. Recordo-me que, no livro “Sonoro Diamante Negro” escrevi: “Os anos 1990 estavam quase findando quando o meu pai teve que se submeter a uma cirurgia de coração. Foram momentos de tensão. Decidi fotografar o sonoro Diamante Negro. Eu queria saber mais sobre a história do Diamante Negro, que é entremeada à história do meu pai...” E, como François Soulages escreve: “*nunca se fotografia otra cosa que palabras, nunca se escribe otra cosa que imágenes*”.

Um inventário fotográfico

Esta reflexão sobre a construção da poética “A casa de Marlene” vem ressaltando pensamentos e sentimentos a partir do instante em que os meus olhos pousam nas cinco planilhas que fiz no computador, utilizando o programa Exel, para criar um inventário do banco de fotografias que fui produzindo ao longo de quatro anos, ao capturar imagens da casa de minha mãe.

Para mim, era importante eu me aproximar do que eu realmente construí nessa poética. Entrar no coração desse percurso e saber os anos, os meses e os dias que fotografei a casa de minha mãe, pois compartilho do pensamento de Alejandra Bertucci: *“las fotografías sean huellas materiales de lo real explica sufuerza como prueba, como evidencia de que algo sucedió”*.

O levantamento foi sendo montado a partir do mês de maio, em 2018, do quarto e último semestre do mestrado. Cada dia, trabalhava algumas horas nessa pesquisa. Horas de dia, de tarde, de noite, de madrugada...

Meses antes, havia sido a organização de tudo o que havia de fotografia digital no computador que eu utilizo. Em seguida, passei a organizá-las por dia, criando pastas e mais pastas digitais de arquivo. O passo seguinte foi a materialização das imagens, por meio das provas-contato, dia a dia. E depois a edição de imagens.

5.124 Suely Nascimento
Fotografia
45.3.2018
2.3.2018

Ingresso no curso

2010																																	Total
Dia	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31		
Janeiro	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Fevereiro	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Março	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Abril	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Maio	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Junho	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Julho	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Agosto	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Setembro	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Outubro	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Novembro	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Dezembro	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Total																																	120

2011																																	Total
Dia	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31		
Janeiro	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Fevereiro	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Março	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Abril	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Maio	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Junho	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Julho	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Agosto	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Setembro	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Outubro	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Novembro	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Dezembro	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	0	
Total																																	360

originais em papel
Suely N
originais em papel
Suely N
originais em papel
Suely N

Fotografia 22: Suely Nascimento (1965-)
A casa de Marlene, 2018
Fotografia digital, 3192px x 2160px
Acervo pessoal, Belém (PA)

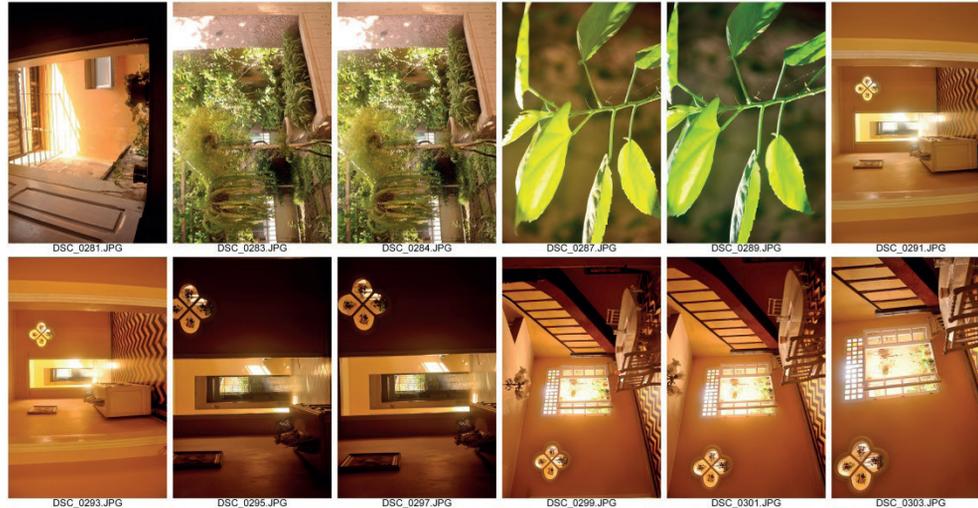
No alto esquerdo da página, o ano. Abaixo do ano, os meses do ano. Os dias seguem em uma sequência na parte superior da planilha. E os dias vão sendo povoados no entrelaçamento destas duas informações básicas. E esse trabalho foi surgindo... Nem acredito que cheguei nesse ponto da pesquisa. Gostei de saber de todas as coisas que saltaram desta matemática fotográfica. E com as planilhas, dá para ver tanta coisa...

Primeiro, um início e um fim material desse fazer fotográfico, em princípio, de 2010 a 2014. E o número de imagens que capturei nesse período:

2010 – 16 fotos
2011 – 1.251 fotos
2012 – 1.452 fotos
2013 – 1.568 fotos
2014 – 864 fotos
Total – 5.151 fotos

No entanto, o que os pequenos quadradinhos do dia-a-dia da captura de imagens me revela, até a mim que criei esse processo, não tem finitude. São infinitas as camadas desta poética. Aqui, discorro apenas algumas poucas percepções e adio para a caminhada continuada deste processo as outras tantas percepções ao meu olhar e ao meu coração.

A construção diária deste inventário foi possível a partir do levantamento minucioso das 169 provas-contato que decidi fazer pela minha *práxis* na fotografia à época de um intenso manuseio com o filme fotográfico, a película, o negativo e todo o universo analógico desta experiência. Trouxe, assim, de modo bem consciente, a prova-contato para esta poética que é completamente digital. Até conseguir um profissional que a montasse *frame a frame* e de maneira assertiva, não foi fácil. Além de imprimir em papel fotográfico. Mas para a minha organização interna, foi uma prática fundamental.



Fotografia 23: Suely Nascimento (1965-)
A casa de Marlene, 2017
Acervo pessoal, Belém (PA)

E diante dos pequenos retângulos em dezenas de papeis fotográficos, fui fazendo esse levantamento, preenchendo também outros pequenos - agora quadrados – de números que me dizem tanto da casa de minha mãe. Assim como a ausência de números nesses minúsculos espaços geométricos. Uma ausência do meu fazer, do meu pegar na câmera, do meu impulso de fazer um click ou uma captura do instante vivido. E pensar sobre *“las complejas relaciones que las fotografías mantienen con el espacio y el tempo”*, como escreve Alejandra Bertucci.

À época que minha mãe foi para o céu

No dia 16 de janeiro de 2011 retomei a câmera. Às 8h42 saí do meu quarto e posicionei as lentes em direção ao quarto que minha mãe dormia. Enquadrei o corredor e ao fundo, uma parte de sua cama e de um janelão que dava para um pátio que ela gostava muito. Desci as escadas fotografando. Fui descendo. Quase no final da escada, enquadrei a sala com sua janela de vidros esverdeados, desde à época de sua construção.

Continuei o trajeto. Pela primeira vez, percebo tudo isso ao ver o processo nas imagens e ao escrever este texto. Estou impressionada. Só sabia que foram inúmeros os dias que acordava com a câmera na mão.

Foquei em um dos quatro vidros que compõem um medalhão idealizado pelo meu avô Benedito, que pediu para a sua filha do meio, a minha mãe, pintar. Ela era uma jovem que gostava de pintura. Naquele momento de outrora, fez o desenho nos vidros, colocou-os sobre a mesa e construiu esta obra posicionada no alto da parede que divide a varanda e uma área que dá para o jardim de inverno. O motivo foi o seu preferido, as flores. Hoje percebo que procurava a presença de minha mãe no físico-material da casa.



Fotografia 24: Suely Nascimento (1965-)
A casa de Marlene, 2011
Fotografia digital, 4288px x 2848px
Acervo pessoal, Belém (PA)

Capturei, ainda, detalhes do jardim de inverno, de imagens de santo no quarto, de vasos de flores, da cozinha, da copa, da mesa de refeições, da sala de tv, do antigo quadro da Ceia dependurado na parede e de uma rede de tonalidade rósea em meio a pratos de parede, uma foto que sempre me acompanha nessa poética.

Percebo no arquivo destas fotografias, desse dia, os horários em que elas foram feitas. E me surpreendo. Concluí esse trajeto às 8h51. Então, este pequeno embrião da poética foi feito em 9 minutos.

Arquivo de fotografias à época em que a minha mãe foi para o céu, dia 29 de julho de 2011. Cheguei até ele. Sentimentos, lembranças, recordações, saudades... Mistura de tantas emoções! Um momento importante.

No universo desse tempo, estão as fotografias de antes e de depois desse dia. Tantas vivências estão em mim! Percebi que fiz fotos no dia do aniversário dela, dia 12 de abril. Há poucas fotos.

Depois, passaram os dias e os meses de maio e de junho. Reparei que não fiz nenhuma fotografia. Momentos delicados no estado de saúde de minha mãe. Não queria saber de fotografar. Havia maneiras mais fortes de estar com ela.

E julho chegou... Fotografei dia 8, dia 9, dia 10... De manhã cedo, no dia 20, fotografei a casa. Silenciosa. Toda ajeitadinha. Acho que arrumamos bem direitinho, do jeito como a minha mãe gostava, pois ela iria chegar do hospital. Acolhemos a nossa mãe com flores amarelas... Foi uma alegria! Acho que a casa estava alegre, iluminada com a luz do sol... Nessa época, ela ficava no quarto do primeiro andar e minhas quatro sobrinhas brincavam no quarto dela, lá em cima! Pensativa... sinto-me neste momento...



Fotografia 25: Suely Nascimento (1965-)
A casa de Marlene, 2011
Fotografia digital, 4288px x 2848px
Acervo pessoal, Belém (PA)

Minha mãe foi para o céu na manhã do dia 29 de julho de 2011. Pousei a câmera.

Fiz um passeio saudoso pela casa, após dois dias. Acho que queria conversar com ela... Fotografei detalhes, o quintal... Foram as primeiras imagens... Há um silêncio... Uma melancolia nos retângulos das fotografias... São fotos tão introspectivas... silenciosas... há um clima... o quarto de minha mãe... roupas dependuradas no varal... a luz entrando pelas janelas... “La fotografia reproduce el mundo visible”, como pensou Alan

Sekula. Fiz a foto do Sagrado Coração de Maria, que ficava dependurado na parede da cama de minha mãe e do meu pai. Que eu me recorde, essa imagem sempre esteve lá. Numa ocasião, minha mãe mandou até pintar, novamente, a imagem.



Fotografia 26: Suely Nascimento (1965-)
A casa de Marlene, 2011
Fotografia digital, 4288px x 2848px
Acervo pessoal, Belém (PA)

Por meio das lentes, toquei suas flores... Elas estavam tão lindas e viçosas em um tempo depois... ornamentavam incrivelmente os ambientes da casa... o jardim... o quintal... as áreas... como o jasmim de

São Benedito... As flores estavam “cheias”, em todo o seu esplendor! Naquele momento, fotografar era uma forma de estar com a minha mãe.

Em agosto, continuei a documentação fotográfica. Percebo que as fotografias desse mês dão uma sensação de que a casa estava vazia, de que alguém havia viajado – por um tempo – e deixou tudo ajeitadinho... Na ópera Stadt Mater, a personagem cantava: “Ó, mãe, fonte de amor!”.

Esses momentos, foram pinçados do inventário fotográfico – “série infinita de outras imagens”, ressaltada por André Rouillé - que revela parte da construção da poética “A casa de Marlene”. É um longo e profundo arquivo, que posso ir abrindo cada caixinha secreta dos dias fotografados, em três momentos descobertos no percurso das imagens: o jeito como minha mãe ajeitava a casa, a desconstrução da casa e o vazio da casa; e que podem vir a ser apresentados no seguimento de seu próprio trajeto poético.

Pensamentos

A intensidade emocional que a pesquisa “A casa de Marlene” me proporciona, faz pensar que ainda há muito o que ser trabalhado. Além disso, o banco de dados construído ao longo de quatro anos está repleto de fotografias, vídeos, áudios e escritos que podem vir a compor futuras poéticas. Como artista-pesquisadora, todo esse universo afetivo vai continuar a provocar em mim novos momentos de reflexão e de experimentação artística.

Se falar as línguas de homens e anjos,
mas não tiver o amor,
sou como bronze que soa ou tímpano que retine.

E se possuir o dom da profecia
e conhecer todos os mistérios
e toda a ciência e alcançar tanta fé
que chegue a transportar montanhas,
mas não tiver o amor, nada sou.

O amor nunca acabará; as profecias? terão fim;
as línguas? cessarão; a ciência? terminará.

No presente permanecem estas três: fé, esperança e amor;
delas, porém, a mais excelente é o amor.

Primeira epístola de Paulo aos Coríntios (13, 1-13)

As referências

AMARAL, Maria Adelaide e NEGRÃO, Walter. *A casa das sete mulheres*. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2003

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Lisboa: Edições 70, 1981.

BASBAUM, Sergio. “*Sinestesia e percepção digital*”. TECCOGS: Revista digital de tecnologias cognitivas, v. 03, 2012.

BENJAMIN, Walter. “*Pequena história da fotografia*”. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória* – ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CASCATA, J. *Minha palhoça*. Rio de Janeiro, 1935.

Coleção de Oarnestad. Noruega. Disponível em: <<http://cards.mrnarnestad.com/view/CARDSMOTIVfly.asp?page=9>>. Acesso em 10 jan 2017.

CORTÁZAR, Julio. “*Casa tomada*”. In: *Bestiário*. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

DERDYK, Edith. *Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas*. São Paulo: Senac, 2013.

FABRIS, Annateresa; COSTA, Cacilda Teixeira da. *Tendências do livro de artista no Brasil*. São Paulo: C. C. S. P, 1985.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da memória e outros ensaios*. Salvador: Casa de Jorge Amado, 1991.

GONÇALVES, Flávio. *Um argumento frágil*. In: *Revista Porto Arte: Porto Alegre*, v. 16, nº 27, novembro/2009.

HIRSZMAN, Maria. Em entrevista para ZUM, Miguel Chikaoka fala sobre sua formação e trajetória fotográfica. São Paulo. Disponível em: <<https://revistazum.com.br/radar/entrevista-chikaoka/>>. Acesso em: 29 mai 2018.

LANCRI, Jean. Colóquio sobre a metodologia. In: O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

LORCA, Federico García. A casa de Bernarda Alba. Site: www.oficinadeteatro.com. Espanha, 1936.

MELLO, Ricardo. “*Os caminhos da pesquisa em poéticas visuais através de uma prática pessoal em pintura*”. In: Arteriais, Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA. No prelo.

NASCIMENTO, S. Sonoro Diamante Negro. Belém: Teia, 2010. 72p.

PAREYSON, Luigi. Os problemas da estética. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PESSOA, Fernando. “*Na casa defronte*”. In: Poesias de Álvaro de Campos. Lisboa: Ática, 1944.

RANGEL, Sonia. *Processos de criação: atividades de fronteira*. In: TFC, Edição 01 – Ano 03. Bahia, 2006.

SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. São Paulo: Educ, 2008.

_____. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Fapesp: Annablume, 1998.

_____. *Redes da criação: construção da obra de arte*. São Paulo: Horizonte, 2006.

SCHMID, Wolf. *Narratology: An Introduction*. Berlin: De Gruyter, 2010.

SEKULA, Alan. Desmantelar la modernidade, reinventar el documental. Notas sobre la política de la representación. Madrid: La Fábrica, 1978.

SILVEIRA, Paulo. *A fotografia e o livro de artista*. In: *A fotografia nos processos artísticos contemporâneos*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

SOARES, Lilian. A fotografia: entre documento e arte contemporânea, de André Rouillé. In: 246 - Revista Poiésis, n 15, p. 243-246, Jul. de 2010.

SOULAGES, François; SOLAS, Silvia; BERTUCCI, Alejandra. Ausencias, Fotografía, temporalidad y política. In: *Ausencia y Presencia: fotografía y cuerpos políticos*. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2011.

STEVENS, Barry. *Não apresse o rio (ele corre sozinho)*. São Paulo: Summus, 1978.

VASQUEZ, Pedro. Artigo: *Quem sou eu?*.

WOOLF, Virgínia. *Passeio ao farol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Ficha técnica

Copyright © 2018 by Suely Nascimento

A casa de Marlene

Concepção, fotografia, texto e edição: Suely Nascimento

Revisão: Juraci Mosso

Projeto gráfico: Carol Abreu

Ficha catalográfica: Larissa Lima

Encadernação: Edvaldo Rosário